

**CONHECER PARA CONQUISTAR: ESTUDO COMPARATIVO DAS
CONQUISTAS DOS IMPÉRIOS ASTECA E INCA**

José Adeildo Bezerra de Oliveira

RESUMO

Neste trabalho, veremos que a conquista do chamado “novo mundo” se deu de formas variadas, nos mais diversos locais e povos do “novo continente”, ressaltando, porém, as suas semelhanças. Em particular, abordaremos, nesta obra, as conquistas dos impérios Asteca e Inca, enfatizando a utilização das linguagens pelos europeus, em cima da mentalidade indígena.

Palavras-chave: Conquista; Mentalidade; Linguagens.

INTRODUÇÃO

A conquista do chamado “novo continente” se deu de formas peculiares, variando de acordo com a sociedade e a cultura dos povos subjugados. Porém, algumas semelhanças podem ser detectadas, principalmente, quando se aborda o imaginário consuetudinário das culturas indígenas meso-americanas (Inca e Asteca).

Aqui veremos os diversos mecanismos e formas, semelhantes e peculiares, utilizadas pelos europeus para efetuar a Conquista dos Impérios Asteca e Inca. Segundo Aquino:

Uma das características mais importantes da Conquista é o fato de ter sido efetuada segundo modalidades diversas, explicadas principalmente pela relação existente entre as motivações da empresa espanhola e o estágio cultural e a densidade demográfica das populações indígenas (...) Em função desses determinantes destacam-se duas modalidades: 1) nas regiões habitadas por grupos indígenas de Cultura Primitiva, que não possuíam excedentes de produção e cujo potencial como força de trabalho era praticamente nulo, a Conquista resultou na expulsão ou eliminação das populações nativas;

Um bom exemplo desse caso é o processo de invasão dos colonizadores europeus aqui, no espaço que hoje se conhece por Ceará. À medida que os colonizadores iam adentrando para o interior em busca de terras para a criação do gado, os conflitos com os povos indígenas locais se agudizavam, fazendo com que esses nativos resistissem à ocupação e, muitas vezes, fossem exterminados. Vale lembrar que, em muitos casos, esses povos indígenas impingiam verdadeiras derrotas aos europeus invasores.

2) nas regiões habitadas por sociedades indígenas de Média e Alta Culturas, deu-se a subjugação das populações para apropriação da produção excedente e domínio da força de trabalho indígena. Foi o que ocorreu, por exemplo, nas regiões densamente povoadas do império Asteca e Inca.¹

Este é o caso a que se propõe uma explicação através de um estudo comparativo entre a derrocada dos Impérios Inca e Asteca.

A historiografia tradicional, há muito tempo, atribuiu a conquista do território, que hoje se conhece por América, pelos europeus à sua superioridade bélica, não considerando o fato de que os povos que residiam no território há tempos, bem antes dos invasores, também tinham características belicosas, como, por exemplo, os astecas, que se destacaram, entre as sociedades “pré-colombianas”, como um povo guerreiro.

Para derrubar essa visão unilateral e isenta de crítica histórica, utilizaremos da obra de Tzvetan Todorov (*A Conquista da América*), cujo pressuposto básico parte da idéia de que os povos “pré-colombianos” - em especial os astecas - foram conquistados pelos europeus devido a uma série de fatores intra e extra-sociais a essas comunidades, como: uso dos signos, das linguagens e das informações por parte dos europeus em cima do imaginário indígena, como fator principal no caso Asteca; alianças com tribos rivais desses impérios, doenças e conflitos internos com mais relevância no caso Inca.

Para que este estudo não seja generalizado e torne-se abstrato por demasia, ele se restringirá a uma comparação entre a Conquista dos astecas por Hernán Cortez e a Conquista dos incas por Pizarro, ressaltando as suas semelhanças e peculiaridades. O objetivo principal desse trabalho é mostrar até onde a tese de Todorov, para a conquista do império Asteca, encaixa-se na conquista do império Inca, sempre enfatizando a

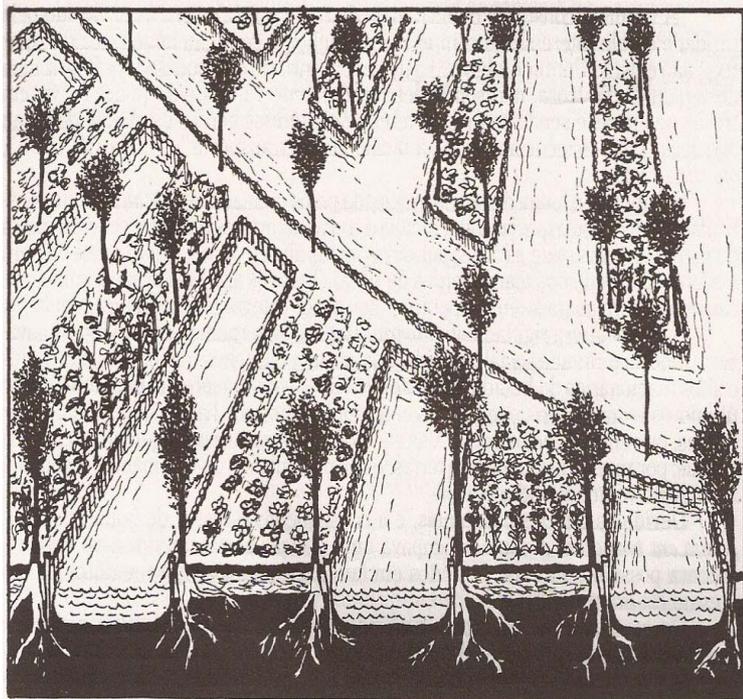
relevância do conjunto de fatores que possibilitou o processo de conquista do “novo continente”.

AS CONQUISTAS: DOENÇAS E DISPUTAS INTERNAS

Os Impérios Inca e Asteca foram uns dos mais surpreendentes que existiram na América “pré-colombiana”, com organização e cultura peculiares, tanto que os próprios espanhóis se admiraram dessas avançadas sociedades.

Quando os soldados de Cortez chegaram ao México, em 1519, maravilharam-se ante os canais, praças, mercados, pirâmides e palácios da capital asteca (...) Na arquitetura, os incas revelaram-se como os grandes construtores da América. Utilizando-se da pedra, do bronze e da argila, ergueram edifícios particulares e públicos – casas, palácios, templos, fortalezas – além de aquedutos e canais.²

Ao analisar as conquistas dos Impérios Inca e Asteca, percebemos uma série de fatores que as possibilitaram, alguns de fácil compreensão e outros mais complexos. Aqui se entendem por complexos fatores que parecem ser de difícil compreensão pelo fato de serem controvertidos, ou seja, aparentemente contraditórios.



“Chinampas”: reconstituição das pequenas ilhas artificiais para plantação.

Para o caso do primeiro exemplo, podemos citar as diversas doenças trazidas pelos europeus espanhóis que mataram milhares de indígenas, tanto incas como astecas, posto que estes, não tinham imunidade a essas “novas” doenças.

Os europeus trouxeram consigo novas doenças (varíola, sarampo, gripe, peste) contra as quais os índios americanos não tinham defesas. Já em 1519 a resistência asteca havia sido enfraquecida pela epidemia de varíola que irrompeu durante o cerco de Tenochtlán. A epidemia espalhou-se em seguida pela América Central e talvez mesmo até os Andes : em 1524, mesmo antes da primeira expedição de Pizarro, uma estranha doença, caracterizada como uma espécie de varíola ou sarampo, causou milhares de mortes (inclusive a do Inca Huayna Cápac) no império Inca.³

Hoje, essas doenças já possuem cura e algumas, como a gripe, parecem simples, mas, na época, os indígenas, acostumados com suas enfermidades típicas do clima tropical, desconheciam as suas curas.

Algo que torna um pouco mais complexo para se compreender a Conquista é o fato de alguns índios se unirem aos invasores europeus. Por serem os Impérios Asteca e Inca constituídos por uma série de tribos

subjugadas pela força, algumas dessas tribos se rebelaram com essa situação e, tentando sair do julgo asteca e inca, fizeram essas alianças com os invasores. É preciso salientar que também existiam tribos que ainda não haviam sido subjugadas pelos Incas e Astecas e que viviam em confronto com eles, fato que facilitou as Conquistas em questão.

A vitória espanhola foi sem dúvida ajudada pelas divisões políticas e étnicas do mundo indígena (...) Certos grupos viram na chegada dos invasores uma oportunidade para libertar-se de uma dominação opressiva: dessa forma, foram os próprios índios que forneceram a Cortez e Pizarro a maior parte de seus exércitos de conquista (...).⁴



No caso Inca, os fatores políticos internos que dividiam a sua elite vão ter uma importância, possivelmente, *sine qua non* para a Conquista espanhola.

A coragem dos invasores e seu avançado equipamento bélico talvez não fossem tão importantes diante de um adversário tão formidável e tão numeroso, se as coisas transcorressem de outra forma. No entanto, os acontecimentos, que dilaceravam o império inca favoreceram os conquistadores.⁵

Os acontecimentos referidos acima estão ligados, principalmente, a questão sucessória do trono inca, que ocasionou uma verdadeira guerra civil interna no império.

Todo o problema sucessório foi desencadeado quando o soberano inca Huayna Cápac foi morto pela já citada epidemia de varíola. A partir desse fato, a nobreza inca fica dividida entre uma parte ligada à cidade de Quito, uma espécie de segunda capital do império, que apoiava Atahualpa, um dos filhos do soberano morto, e a outra com poder concentrado na cidade de Cuzco, então capital do império, que apoiava outro filho do falecido soberano, Huascar.

A disputa acima se dá porque, diferentemente das sociedades ocidentais européias (Medievais e Modernas) nas quais normalmente o herdeiro é o filho mais velho, onde se delega através do testamento as intenções do falecido – “(...) cabia a cada um expressar suas idéias, seus sentimentos, suas vontades. Para isso, dispunha-se de um instrumento: o testamento (...)”⁶ – no império Inca a sucessão ocorre da seguinte forma: “Pela tradição o Sapa Inca devia designar seu sucessor (...) o escolhido não precisava ser o mais velho, e sim o mais capaz e mais apto para governar”⁷. Devido ao fato de o Sapa Inca (Soberano) ter falecido sem designar o seu herdeiro, os diversos interesses antagônicos pelo trono se manifestaram. Inicialmente, Huascar vai assumir o trono inca e Atahualpa vai aceitar a situação. Porém, logo as divergências vão surgir:

Atahualpa sabia que Huascar poderia vê-lo como rival. Consciente da possibilidade de ser assassinado pelos partidários de seu meio-irmão, caso se afastasse de Quito, Atahualpa permaneceu surdo a todos os esforços para convencê-lo a ir a Cuzco prestar reverência ao novo soberano. As coisas permaneceram assim durante cinco tumultuados anos.⁸

Com as pressões cada vez maiores para que Atahualpa fosse até Cuzco, a situação se precipitou quando Huascar tenta levá-lo à força, gerando a reação por parte do primeiro e iniciando a Guerra civil que dizimou uma parte considerável da população inca e desestabilizou o império favorecendo a conquista dos europeus. No final dessa guerra, Atahualpa saiu vencedor, porém o Império Inca era quem havia perdido e não Huascar, pois as perdas humanas que já vinham crescendo bastante, desde que as epidemias haviam sido trazidas pelos invasores, aumentaram ainda mais.

Os armamentos dos europeus, como espadas, escudos, armaduras, canhões e cavalos (estes com impacto simbólico que afetava o psicológico dos índios), também tiveram influência relevante na conquista, ainda que secundária, posto que, enquanto os europeus utilizavam essas armas letais, os indígenas dispunham de armas, como arco, flechas, lanças, que, apesar de mortíferas, tinham um potencial limitado em relação aos armamentos europeus. Porém, essa vantagem bélica dos europeus teve importância limitada, pois algumas armas, como arcabuzes, demoravam na hora da recarga da munição.

AS CONQUISTAS: USO DA FORÇA E A MENTALIDADE INDÍGENA

Se a força fosse o fator único da conquista, os seiscentos soldados de Cortez com alguns cavalos não teriam conquistado o Império Asteca que possuía aproximadamente 11 milhões de pessoas (1515) e o mesmo não teria ocorrido com o Império Inca que possuía uma população estimada entre 7 e 9 milhões na época da sua Conquista por Pizarro e cerca de duzentos soldados (1531).

Lembramos mais uma vez que, dentro dos vastos Impérios Inca e Asteca, existia uma intensa diversidade de povos que haviam sido submetidos pela força, com destaque para os astecas, posto que estes eram destacadamente militaristas.



Conquista dos astecas, segundo Todorov, deu, principalmente, devido à habilidade de Cortez na busca por informações – “O que Cortez quer, inicialmente, não é tomar, mas compreender; são os signos que interessam a ele em primeiro lugar, não os referentes. Sua expedição começa com uma busca de informação e não ouro”⁹ - e no uso dessas informações em cima da mentalidade indígena. Todorov nos informa que, percebendo o espanto que os cavalos despertavam nos índios, Cortez tomava bastante cuidado na hora de enterrar os bichos, pois os indígenas acreditavam que o animal era sagrado.

Com o exposto acima, é relevante que se esclareça a forma como Cortez descobria algumas crenças dos Gentis, posto que ele não falava o idioma destes nem os compreendia. Segundo Todorov, este é um dos pontos básicos da conquista do Império Asteca pelos espanhóis:

A primeira ação importante que executa – a significação desse gesto é incalculável – é procurar um intérprete. Ouve falar de índios que empregam palavras espanholas; deduz que talvez haja espanhóis entre eles (...) Depois de muitas peripécias, um deles, Jerônimo de Aguilar, se une às tropas de Cortez (...) Esse Aguilar, transformado em

intérprete oficial de Cortez, lhe prestará serviços inestimáveis. Mas Aguilar só fala a língua dos maias, que não é a dos astecas. A segunda personagem essencial para essa conquista de informações é uma mulher, que os índios chamam de Malintzim, e os espanhóis de doña Marina (...) Sua língua materna é o Nahuatl, a língua dos astecas; mas foi vendida como escrava aos maias, e também dominava a língua deles.¹⁰

Esse intrincado sistema de comunicações vai possibilitar a Cortez obter informações sobre seus adversários astecas, além de permitir que ele altere suas ações de acordo com a mentalidade indígena, para que estes continuem a temer e/ou venerar os invasores.

Aqui chegamos a um dos pontos-chave deste trabalho: a compreensão do imaginário indígena, em relação aos europeus, é essencial para o entendimento das conquistas.

As sociedades Asteca e Inca eram marcadas pela previsibilidade, pois, antes mesmo da chegada dos europeus, já existiam uma série de mitos nestas sociedades que previam a chegada de pessoas estranhas e que estas iriam dominar-lhes:

Disseminado por toda a América estava o mito do deus civilizador que, depois do seu reinado benevolente, desaparece misteriosamente, prometendo aos homens que um dia retornará. No México havia Quetzacóatl, que partiu rumo ao leste, e nos Andes, Viracocha que desapareceu no Mar ocidental. Acreditava-se que Quetzacóatl voltaria em um ano *ce-acatl* (de um só junco), baseado num ciclo de 52 anos, enquanto o Estado inca deveria terminar durante o reinado do décimo segundo imperador. No México, os espanhóis chegaram, e 1519 era de fato o ano *ce-acatl*; no Peru, vieram do oeste, e Atahualpa era de fato o décimo segundo inca. Conseqüentemente, o choque dos índios assumiu uma forma específica: perceberam os eventos através do arcabouço de mito e, em certas circunstâncias pelo menos, imaginaram que a chegada dos espanhóis era um retorno dos deuses.¹¹

Coincidência ou presságio, não importa. Certamente, poderia ser devido ao fato de as referidas sociedades valorizarem essas previsões que os indígenas, acreditando que deveriam entregar o seu reino aos invasores, ofereceram menos resistência às incursões dos conquistadores. Garcilaso de la Vega nos informa que Huayna Capac, em

seu testamento, deixa bem claro o que pode vir a acontecer no império Inca e já deixa as suas ordens:

Muitos anos há que, por revelação de nosso pai, o sol, sabemos que, passados¹² reis de seus filhos, virá gente nova e não conhecida nessas partes e conquistará e submeterá a seu domínio todos os nossos reinos e outros muitos; suspeito que serão os que sabemos que andaram pela costa de nosso mar; será gente valorosa, que em tudo vos levará vantagem. Também sabemos que se cumpre em mim o número de doze incas. Certifico-vos de que poucos anos depois que eu tenha ido de vós, virá aquela gente nova e cumprirá o que nosso pai, o sol nos disse, e conquistará nosso império e serão senhores dele. Ordeno-vos que os obedeçais e sirvais como a homens que em tudo vos farão vantagem, pois sua lei será melhor que a nossa, e suas armas mais poderosas e invencíveis que as vossas.¹³

Aqui, mais uma vez, percebe-se como a mentalidade dos indígenas favoreceu as conquistas destes pelos europeus. A ordem de um soberano nas sociedades asteca e inca era tida como lei e deveria ser cumprida. Cortez percebia a curiosidade que despertava nos indígenas e, segundo Todorov, soube aproveitar o fato de esses últimos confundirem, inicialmente, os espanhóis com deuses. De forma semelhante, ocorreu, no Império Inca, com Pizarro, que era primo de Cortez, o mesmo que havia subjugado os astecas e que lhe contara a forma como realizara tamanha proeza, fato que possibilitou a Pizarro manipular as suas ações de acordo com o imaginário indígena. Sem contar que Pizarro já havia estabelecido relações com os nativos do “novo mundo” durante a década de 1520, fato que lhe possibilitou uma vantagem em relação a Atahualpa, soberano inca na época da Conquista (1531), pois o primeiro já conhecia um pouco dos costumes indígenas e poderia antever possíveis ações destes. Já Atahualpa não conhecia nada sobre os invasores, algo que o deixava sem ação, pois a sociedade inca, assim como a asteca, também era marcada pela previsibilidade, e algo que viesse a acontecer, que fosse fora do previsto, era interpretado através da religiosidade e visto como um mau presságio. Por isso, as ações dos conquistadores espanhóis eram sempre voltadas para surpreender e alimentar as superstições dos nativos.

Agora podemos perceber que a análise de Todorov também pode ser utilizada como um dos fatores relevantes para se explicar a Conquista do Império Inca. O uso dos signos e das informações em cima da cultura indígena foi uma arma importantíssima

para os europeus nas Conquistas dos Impérios Inca e Asteca. Esses costumes indígenas possibilitaram aos europeus uma vantagem psicológica em relação aos nativos, pois, enquanto os invasores viam naquele choque de culturas um fato puramente humano, os gentios procuraram entendê-lo através da religiosidade e de seus costumes sociais (profecias).

É importante a compreensão do impacto que essas profecias causaram na mente dos índios. Garcilaso de la Vega, mais uma vez, é bem preciso na explicação do fato, ao relatar uma entrevista feita por um espanhol a um inca:

Inca, como sendo esta terra tão áspera e fragosa, e sendo vós tantos e tão belicosos e poderosos para ganhar e conquistar tantas províncias e reinos alheios, deixastes perder tão prontamente vosso império e vos rendestes a tão poucos espanhóis? Para responder-me voltou a repetir o prognóstico a respeito dos espanhóis (...) Estas palavras que nosso inca nos disse – as últimas que nos falou – foram mais poderosas para nos submeter e tirar nosso império que as armas que teu pai e companheiros trouxeram a esta terra.¹³

Ou seja, para os incas, o fato de a chegada desses espanhóis gananciosos e movidos de uma mentalidade mercantilista ao seu território já ter sido prevista como algo inevitável e aceitável, foi muito mais importante do que a suposta superioridade européia em relação a estes.

CONCLUSÃO

Buscamos, com este estudo comparativo, derrubar idéias lineares sobre o processo histórico de invasão e ocupação, por parte dos europeus, do continente americano, em especial, dos povos astecas e incas. Acreditamos que a conclusão a que se pode chegar, com o estudo feito até agora, é a de que, em nenhum momento, quando se fala em ações humanas, pode-se generalizar os processos sociais, pois a História, segundo Marc Bloch, “ciência que estuda o Homem no tempo”¹⁴, não possui verdades absolutas e acabadas, o que há, são verdades parciais e pontos de vista diferentes. A verdade de Todorov sobre a conquista dos astecas, até certo ponto, pode ser um dos fatores para se explicar a derrocada dos incas, porém essa verdade não pode ser considerada como única fonte explicativa para o complexo processo histórico que foi a Conquista da América, no século XVI, pelos europeus. O uso, pelos europeus, de armas

mais eficazes para a destruição também constitui uma das verdades sobre essa conquista, assim como as alianças entre espanhóis e tribos rivais dos incas e astecas, as doenças, os conflitos internos, etc. Assim, a grande construção deste trabalho é ressaltar a relevância dos diversos mecanismos utilizados pelos europeus na conquista e enfatizar que a cultura dos indígenas, com seu imaginário “místico-religioso”, também teve relevância considerável, sem esquecer que houve um movimento contrário à ação européia por parte dos povos “subjugados”. Portanto, a resistência indígena foi uma característica básica dentro do processo de conquista do “novo mundo”.

NOTAS

¹ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2006, p. 95.

² AQUINO, JESUS, OSCAR. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990, p. 39/50.

³ Nathan Wachtel, *Os índios e a Conquista Espanhola*. in BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina Colonial. Vol. 1. 2ª ed.* São Paulo: EDUSP; Brasília, Fund. Alexandre de Gusmão, 2004, p. 201.

⁴ *Idem*, p. 199.

⁵ O império Inca, cap. 01, “O Violento Choque de Culturas”, In: *Civilizações Perdidas. O império Inca*. RJ: Abril, 1998, p. 11.

⁶ ARIÉS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: EDIouro, 2002, P. 68/69.

⁷ O império Inca, cap. 01, *op. cit.* p. 14

⁸ *Ibidem*, p. 15

⁹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. Martins Fontes.

¹⁰ *Idem*, p. 144

¹¹ Nathan Wachtel. *op. Cit.* p.195/196

¹² VEGA, Garcilaso de la. *O Universo Incaico*. São Paulo: EDUC, 1992, p. 197

SP. 1988. p. 144

¹³ *Idem*, p. 198

¹⁴ BLOCH, Marc L. B. *Apologia da História ou o Ofício de historiador*. RJ.: JZH Ed., 2001.

* **Imagens retiradas de:** AQUINO, JESUS, OSCAR. *Op. Cit.*